

VENCER A POBREZA

Esperança no futuro: exemplos de mudança



Educação

Emprego

Áreas rurais

Saúde

Habitação

Finanças

2010
Ano Europeu
do Combate
à Pobreza
e à Exclusão Social



Comissão Europeia

***Europe Direct é um serviço que responde
às suas perguntas sobre a União Europeia***

**Linha telefónica gratuita (*):
00 800 6 7 8 9 10 11**

(*) Alguns operadores de telefonia móvel não permitem o acesso aos números iniciados por 00 800 ou cobram estas chamadas.

ADVERTÊNCIA JURÍDICA

Encontram-se disponíveis numerosas outras informações sobre a União Europeia na rede Internet, via servidor Europa (<http://europa.eu>).

Uma ficha catalográfica figura no fim desta publicação.

Luxemburgo: Serviço das Publicações da União Europeia, 2010

ISBN 978-92-79-13728-0

doi:10.2767/71180

Foto de cobertura: © União Europeia, Reporters

Coordenado e produzido por Mostra

Textos de Brigid Grauman

© União Europeia, 2010

Reprodução autorizada mediante indicação da fonte.

Reprodução de fotografias não autorizada.

Printed in Belgium

IMPRESSO EM PAPEL BRANQUEADO SEM CLORO ELEMENTAR (ECF)



PREFÁCIO



A pobreza e a exclusão social afectam cerca de uma em cada sete pessoas na União Europeia. Se tivermos em conta que vivemos numa das regiões mais ricas do mundo, este número é demasiado alto.

Como comissário da UE para o Emprego, Assuntos Sociais e Inclusão, é minha convicção de que não podemos ignorar aqueles que vivem à margem da nossa sociedade, em especial quando a nossa população activa envelhece e diminui.

Precisamos de investir tempo, esforço e recursos para ajudar as pessoas a sair da pobreza, não só para seu próprio benefício mas também para o bem-estar da sociedade como um todo. Foi por esta razão que os Estados-Membros da UE se comprometeram a retirar pelo menos 20 milhões de pessoas da pobreza e da exclusão social até 2020.

Ao fazer de 2010 o Ano Europeu do Combate à Pobreza e à Exclusão Social, tivemos como objectivo aumentar a sensibilização pública sobre as difíceis condições de vida enfrentadas por tantos cidadãos. A campanha reúne instituições da UE, governos nacionais, autoridades locais e a sociedade civil, bem como aqueles que sabem, por experiência própria, o que significa viver com a pobreza.

O Ano Europeu do Combate à Pobreza e à Exclusão Social dá-nos, a todos, a oportunidade de desenvolver novas relações e parcerias, as quais podem conduzir a novas ideias e abordagens para resolver os problemas da pobreza e da exclusão social.

Precisamos de lidar, de forma urgente, com os factores que estão a tornar a pobreza e a exclusão social tão difíceis de derrotar. Isto significa fazer com que as pessoas desenvolvam as suas capacidades para lhes permitir encontrar um emprego ou ajudá-las a conseguirem obter um trabalho melhor do que aquele que já têm. Temos que tornar os mercados de trabalho mais acessíveis a todos, incluindo jovens, idosos, deficientes e minorias. Necessitamos igualmente de tornar os nossos serviços sociais e sistemas de saúde mais eficientes para que protejam os mais pobres. Apesar de tudo, uma das acções mais importantes é apoiar a educação e evitar o abandono escolar precoce, uma vez que a educação superior e a qualidade do ensino são elementos-chave no combate à pobreza.

Para atingirmos os nossos objectivos, necessitamos de trabalhar em conjunto, pois é mais fácil encontrar e implementar soluções através da cooperação. Soluções locais concebidas por comunidades locais são tão importantes como as políticas nacionais de combate à pobreza. Sem sombra de dúvida que tanto o sector público como o privado têm um papel a desempenhar.

Nesta revista encontrará exemplos do que acontece quando instituições e indivíduos dão as mãos e decidem lutar contra a pobreza e a exclusão social. Poderá encontrar projectos inovadores, desde a ONG eslovena que responde às necessidades de saúde específicas de um grupo vulnerável, até ao de uma rede financeira que disponibiliza créditos para os cidadãos mais pobres em vários países europeus.

Grande ou pequena, a mensagem dos projectos aqui apresentados é bem clara: envolver-se e trabalhar em equipa pode e consegue mudar as vidas das pessoas para melhor. Espero que os exemplos apresentados nesta revista sirvam de inspiração a tantos outros que desejam «meter mãos à obra» para ajudar mais pessoas a sair da pobreza.

László Andor, comissário europeu para o Emprego,
Assuntos Sociais e Inclusão

INTRODUÇÃO

A Europa é uma das regiões mais ricas do mundo, com uma economia diversificada e sofisticada, capaz de proporcionar um elevado nível de vida. A riqueza que a Europa tem vindo a produzir permite que muitos dos seus cidadãos gozem de bons cuidados de saúde, educação e assistência social.

Ainda assim, muita gente vê-se impedida de tirar partido destes benefícios. Estima-se que na União Europeia vivam cerca de 84 milhões de pessoas em risco de pobreza e de exclusão social.

Os europeus classificados como vivendo em condições de pobreza sobrevivem com menos de 60% dos rendimentos domésticos médios nacionais e cerca de 23,5 milhões de pessoas na UE vêem-se obrigadas a viver com um rendimento diário inferior a 10 euros.

A recente recessão económica não contribuiu para melhorar esta situação. Muitos dos que perderam os seus empregos ficaram expostos à pobreza e à exclusão social. Em certos Estados-Membros da UE há indícios de um aumento do número de sem-abrigo – o símbolo mais emblemático da pobreza.

O que pode então ser feito por quem se encontra em risco e de que forma a Europa ajuda as pessoas a sair da pobreza?

Através da coordenação de políticas, a UE desenvolveu uma estratégia que procura combater eficazmente a pobreza. Esta estratégia garante a existência de um quadro de referência e desempenha um papel de coordenação no sentido de ajudar os Estados-Membros a desenvolverem as suas próprias actividades no campo da luta contra a pobreza e a exclusão social. A crise veio sublinhar as mais-valias da coordenação de políticas e incentivar ainda mais o seu reforço e a exploração exaustiva do seu potencial.

Na maior parte dos países europeus, a assistência social não é, por si só, suficiente para retirar as pessoas de uma situação de pobreza. Por essa razão, os Estados-Membros estão a ser encorajados no sentido

de desenvolverem políticas activas para as áreas da inclusão e do mercado de trabalho, a par do acesso a serviços de qualidade, compatíveis com apoios mínimos adequados.

A existência de objectivos comuns permite agora centrar esforços em áreas como a erradicação da pobreza infantil, permitir o reingresso de pessoas no mercado de trabalho, lutar contra a discriminação e a falta de habitação.

A UE disponibiliza igualmente um conjunto de políticas e programas para combater a pobreza, tais como o Fundo Social Europeu e o PROGRESS. A nova estratégia Europa 2020 para a economia apela explicitamente a um crescimento inclusivo, capaz de oferecer elevadas taxas de emprego e coesão social.

Para impulsionar estas iniciativas, 2010 foi escolhido como o Ano Europeu do Combate à Pobreza e à Exclusão Social. Por toda a Europa, têm-se multiplicado iniciativas para não deixar cair no esquecimento a difícil situação daqueles que coabitam com a pobreza e para chamar a atenção para os passos que estão a ser dados no sentido de minorar as dificuldades por eles sofridas.

A campanha visa sensibilizar o público para a complexidade e a interacção entre factores que afectam tantas vidas. Governos nacionais, autoridades locais, organizações da sociedade civil e pessoas que passaram pela experiência da pobreza trabalham em conjunto com o objectivo de criar novas ideias e novas iniciativas.

Esta campanha tem também colocado em destaque a situação de grupos especialmente vulneráveis à pobreza, tais como os idosos, as famílias numerosas e monoparentais, as minorias étnicas, os imigrantes, os sem-abrigo e as crianças. Para além disso, tem examinado a forma como a pobreza parece ser perpetuada através das gerações.

Este Ano Europeu tem por meta sublinhar que através do trabalho conjunto a sociedade como um todo pode ajudar os menos afortunados. A campanha centra-se no



© MF, Plissart



© União Europeia, Reporters

valor da educação e da formação como instrumentos de combate à pobreza e ao desemprego, mas também no papel da definição de políticas e no valor acrescentado da sua coordenação. Encontrar formas através das quais as pessoas pobres e socialmente excluídas possam aceder a serviços públicos de qualidade nas áreas da saúde, habitação e outros benefícios é também uma prioridade.

A somar a tudo isto, o Ano Europeu do Combate à Pobreza e à Exclusão Social está a chamar a atenção para outros temas, tais como a pobreza no local de trabalho, o acesso a instalações culturais e de lazer e a forma como a pobreza afecta homens e mulheres.

Ao dar voz a uma série de projectos e iniciativas que contribuem para melhorar as vidas de pessoas por toda a Europa, esta revista pretende ser uma fonte de inspiração para todos os que se dedicam a ajudar os pobres e os socialmente excluídos.

O leque de temas abordados – nomeadamente a **EDUCAÇÃO**, o **EMPREGO**, o **ISOLAMENTO RURAL**, a **SAÚDE**, a **HABITAÇÃO** e a **INCLUSÃO FINANCEIRA** – revela até que ponto ajudar as pessoas a sair da pobreza é um desafio de monta.

■ A educação oferece uma porta de saída da pobreza, apetrechando as pessoas com as competências e a confiança de que necessitam para conseguirem bons empregos. Na cidade búlgara de Sliven, uma ONG francesa está a fornecer aos professores os livros e os materiais de que necessitam para que possam dar às crianças ciganas uma educação de qualidade.

■ Em Hamburgo, na Alemanha, a equipa da *Movego* ajuda a reintegrar desempregados no mercado de trabalho. Aqui, os jovens têm a oportunidade de aprender ofícios com artesãos experientes, trabalhando em projectos de restauro e de construção.

■ Em certos países europeus, o risco de pobreza nas zonas rurais é duas vezes mais elevado do que nas cidades. A Fundação *Heifer* dá provas daquilo que pode ser alcançado na Lituânia ao distribuir gado e outro

género de animais às comunidades rurais para que estas possam arrancar com os seus próprios negócios.

■ As pessoas afectadas pela pobreza tendem a sofrer de piores condições de saúde e têm frequentemente dificuldade em aceder aos cuidados médicos e psicológicos de que necessitam. Em Liubliana, na Eslovénia, a *Stigma*, uma ONG financiada pelo Estado, dirige dois centros de assistência visitados diariamente por cerca de 80 pessoas. Estes centros oferecem aos toxicodependentes a oportunidade de aceder a tratamentos e assistência que lhes são essenciais.

■ Muitas pessoas pobres vivem em condições habitacionais inadequadas dado não terem meios para suportarem os custos inerentes a uma habitação condigna, o que acaba por afectar a sua saúde e o seu bem-estar. O programa de reabilitação autonómica de La Chanca, no sul de Espanha, mostra o que pode ser feito para mudar este tipo de situação. Aqui, o governo regional e o município juntaram esforços com os habitantes locais para recuperar o bairro mais antigo de Almeria.

■ Os elementos mais pobres da sociedade sofrem frequentemente de exclusão financeira. Se em muitos casos lhes é difícil aceder a um crédito em condições aceitáveis, noutros o acesso ao crédito é-lhes pura e simplesmente vedado. A Rede Europeia de Microfinança disponibiliza empréstimos a pessoas em condições financeiras menos desafogadas, que os podem utilizar para criarem os seus próprios negócios ou para pagarem serviços essenciais como a formação ou o transporte. Foi através deste sistema que Sika Mawuke-Dzoussu abriu um salão de beleza na capital belga e que Alexandre Aberlen pôde arrancar com a sua loja de reparação de computadores em Sausset-les-Pins, em França.

Seja qual for o projecto, a mensagem transmitida é semelhante: através do trabalho em equipa, as perspectivas daqueles que vivem em situação de pobreza podem mudar para melhor. Em conjunto, podemos construir uma sociedade para todos, uma Europa onde todos possam viver com dignidade.



© Reporters



© União Europeia, Reporters

CRIANÇAS CIGANÁS DESCOBRIM ORIGENS, SLIVEN

Localizada numa planície no sopé da região montanhosa de Karandila, Sliven é conhecida como a «cidade ventosa» da Bulgária. Ao vento que sopra em rajadas é dado o nome de «Bora», mas normalmente o clima da região é ameno, com vinhas e pomares de pessegueiros a estenderem-se pelas encostas.

Sliven é também conhecida como a capital cigana da Bulgária. Cerca de 25000 pessoas, o equivalente a um quarto dos habitantes, são ciganas. As consequências do fim do comunismo foram particularmente sentidas em Sliven – em tempos um próspero centro têxtil –, quando as fábricas pertencentes ao Estado fecharam portas e foram substituídas por artesãos, que trabalhavam nas suas próprias garagens. A concorrência vinda da China foi implacável e a população viu-se a braços com um sem-fim de dificuldades, sendo os ciganos a camada mais exposta. Em 1989, 83% dos habitantes de etnia cigana da Bulgária estavam empregados. Hoje em dia, a percentagem é inferior a 20%.



© Reporters



Aulas especiais sobre a origem e a cultura ciganas têm lugar do outro lado da linha do comboio que passa junto ao bairro cigano degradado de Sliven.

Esta é a história de como uma ONG francesa, a *Secours Populaire*, se envolveu num trabalho com as crianças do bairro cigano de Nadezhda, depois de ter sido contactada pelos professores das escolas locais. Os professores necessitavam de livros e equipamento escolar mas também queriam pôr os alunos ciganos em contacto com a sua cultura e, desse modo, aumentar o seu sentido de auto-estima e a confiança dos pais na educação.

No lado errado da cidade

Nadezhda, que em búlgaro significa «esperança», fica a sul da principal estação ferroviária de Sliven e está literalmente do lado errado da cidade, cuja fronteira é definida pela linha do comboio, ao longo da qual as crianças vasculham o lixo na esperança de encontrar alguma coisa para vender aos sucateiros.

«Na Bulgária, como no resto dos Balcãs, os ciganos vivem maioritariamente em áreas segregadas», afirma o jornalista Alexandre Dubuisson, que no ano passado esteve em reportagem em Sliven para a *Secours Populaire*.

«Mas a segregação no interior da própria comunidade cigana é ainda mais complexa, virtualmente é um sistema de castas. Na verdade, para um cigano é tão difícil casar-se com um búlgaro não cigano como com alguém de um grupo cigano diferente.»

A zona mais próspera de Nadezhda é conhecida como «o bairro dos músicos» e quem aqui vive – seja músico ou não – habita em casas de tijolo vermelho de dois pisos e um terraço e às quais é acrescentado um quarto suplementar ou um novo piso sempre que a família cresce. À medida que se avança para o interior do bairro,



As ruas de Nadezhda oferecem pouco mais do que cimento, casas inacabadas e barracas com telhados de alumínio.

A **população** da Bulgária, num total de 7,7 milhões de habitantes, inclui um número de **ciganos** estimado em **700 000**. A esperança média de vida de um búlgaro é de **72 anos**, enquanto que a de um cigano de Sliven se fica pelos **52**.

as ruas tornam-se cada vez mais imundas até que, após uma curva repentina, as casas são substituídas por barracas com telhados de alumínio. É aqui que vivem os *goli tzigani* – os ciganos mais pobres, os pertencentes ao nível mais baixo da hierarquia.

O cheiro do lixo é insuportável. Burros, ovelhas e galinhas, que partilham as rudimentares habitações com quem aqui vive, disputam o espaço com crianças descalças que brincam por entre as pilhas de resíduos. Estas crianças não fazem ideia de que pertencem a uma cultura simultaneamente exótica e singular. Na Bulgária, estes ciganos são maioritariamente vistos como os últimos dentro do nível mais

baixo da hierarquia social e é também assim que, muitas vezes, se olham a si próprios.

Gerida principalmente por voluntários, a *Secours Populaire* teve origem na *Secours Rouge International*, uma organização francesa de apoio aos mais desfavorecidos fundada em 1926. A *Secours Populaire* tem federações em todos os municípios franceses e trabalha tanto a nível nacional como no estrangeiro. No ano passado, ajudou a gerir projectos de solidariedade em 170 países, dando assistência às populações locais na criação de estruturas capazes de gerir uma série de problemas e colocando essas mesmas populações em contacto com potenciais investidores.

Professores em luta pela mudança

Em 2001, a subdirectora da Escola n.º 6, nos arredores de Nadezhda, entrou em contacto com a organização francesa. O «gueto» cigano não possui uma escola própria e todas as crianças frequentam a n.º 6, a cerca de 10 minutos a pé, do outro lado da via-férrea. Nove em cada 10 alunos são ciganos, alguns de descendência turca, outros búlgara. Inicialmente, a *Secours Populaire* comprou-lhes livros, computadores, mochilas, sapatilhas e equipamentos desportivos. Mais tarde, em 2007, ajudou-os a criar a associação *Ensemble*, à qual a Fundação Air France doou 30 000 euros para o *Etniko*, um projecto de consciencialização cultural.

«Na Bulgária, a escolaridade é obrigatória até aos 16 anos», conta Ekaterina Pavlova, uma das professoras envolvidas no *Etniko*. O projecto desenrolou-se com sucesso durante dois anos mas acabou por ser suspenso quando o patrocínio terminou. «Apesar disso, muitas crianças ciganas, sobretudo raparigas, desistem da

escola depois dos 12 anos porque se casam ou porque os pais não conseguem suportar os custos.»

«Estas crianças não conhecem o seu passado», afirma Dubuisson. «O projecto *Etniko* pretendia ensinar-lhes as suas origens e as da sua cultura. Muitas vezes, a percepção que têm do passado não vai muito para lá dos avós. Não fazem ideia de que têm raízes na Índia. Para estas crianças, o passado é uma coisa remota, ainda mais distante do que Carlos Magno para as crianças das escolas francesas.»

Pavlova orgulha-se daquilo que foi alcançado pelo projecto. Ao longo dos dois anos em que esteve no terreno, o *Etniko* envolveu três grupos de 12 crianças. Apesar deste número representar apenas uma pequena parcela da população escolar, a professora sente que foi percorrido um longo caminho rumo à mudança de mentalidades. Para além das aulas extra sobre grupos étnicos, tradições e cultura ciganas, incluindo danças, canções, histórias e lendas, as crianças fizeram visitas de estudo a museus e restaurantes.

«As coisas que fizemos foram pequenas, mas importantes. Por exemplo, levámos as crianças a um pequeno restaurante búlgaro perto da nossa escola. Ensinámos-lhes como se deviam comportar, como fazer o pedido de forma educada e como pagar. No início o pessoal do restaurante foi pouco simpático e as próprias crianças estavam pouco à-vontade. A maioria dos búlgaros olha para os ciganos como pessoas pouco limpas e com tendência para roubar. Mas passado algum tempo, o ambiente tornou-se muito mais acolhedor. As crianças sabiam canções e portaram-se bem.»

Pavlova sabe que tudo isto parece pouco mas acredita que quando estas crianças crescerem terão aprendido alguma coisa positiva sobre a escola e o mundo exterior, coisas essas que poderão por sua vez ensinar aos filhos. De forma modesta, a professora desejava que o *Etniko* continuasse, mas sabe que os tempos são difíceis para todos.

■ PARA MAIS INFORMAÇÕES
www.secourspopulaire.fr
www.sliven.net

Uma parte significativa dos 10 a 12 milhões de ciganos da União Europeia vive em condições socio-económicas inadequadas. Muitos deles possuem acesso limitado a educação de qualidade, sofrem de condições de saúde precárias e de elevadas taxas de mortalidade, sendo frequentemente excluídos do mercado de trabalho. A inclusão dos ciganos é uma prioridade na definição de políticas da UE. Os problemas são complexos e inter-dependentes e necessitam de ser abordados de forma abrangente por todos os grupos intervenientes, incluindo os próprios ciganos.



© Rossel - Pierre-Yves Thienpont

ENSINAR A APRENDER EM HAMBURGO

Com o desemprego, em particular o que atinge os jovens, a estar no centro das preocupações devido à crise económica na Europa, vale a pena olhar para uma experiência liderada por educadores e professores em Hamburgo. Numa área duramente atingida por cortes orçamentais, este grupo de pensadores progressistas procura tornar a aprendizagem mais atractiva.

Karl Fink, 57 anos, moreno e atarracado dentro do fato-de-macaco, foi carpinteiro no Cazaquistão, o seu país natal. Fink acaba de instalar um banco de madeira de faia no interior de uma carruagem de comboio do início do século XX pintada num verde brilhante. Esta é uma das especialidades da escola de produção *Movego*, uma organização sem fins lucrativos de Hamburgo que insere desempregados no mercado de trabalho através do restauro de comboios antigos, da construção de pequenas garagens para bicicletas ou de cadeiras de jardim. Fink é tão bom naquilo que faz que acabou por ser contratado permanentemente pela escola e é com ele que os jovens adultos aprendem o ofício de carpinteiro.



Carpinteiro na sua terra-natal, o Cazaquistão, Karl Fink ensina agora na escola Movego.

Caixa – Estudantes russos, uma das nacionalidades presentes na escola de Hamburgo.

Tornar a aprendizagem atractiva

Karl Fink é apenas um dos cerca de 150 homens – a maioria deles com raízes na imigração – que trabalham neste armazém à beira do rio Elba. A organização foi fundada para garantir trabalho aos metalúrgicos do estaleiro portuário que acabaram no desemprego quando a principal indústria da cidade foi extinta. Em 1997, juntou forças com uma associação que trabalhava com jovens. Actualmente, pretende formar pessoas de todas as faixas etárias para que regressem ao trabalho activo. Parte da ideia passa por fazer com que estudar e aprender se tornem actividades atractivas.

O estado de Hamburgo está a centrar esforços na criação de escolas práticas vocacionais para aqueles que foram ficando pelo caminho. Na Alemanha, não possuir um certificado de habilitações escolares só vem tornar a vida mais complicada e são normalmente os jovens pobres oriundos de meios imigrantes os que mais dificuldades enfrentam nestes casos.

Em Setembro, a *Movego* abriu as portas de uma escola de formação vocacional – para além da escola de produção – para ajudar jovens a obterem certificados de habilitações escolares. O estado de Hamburgo está a desenvolver esforços para que outras 10 escolas vocacionais venham a ser criadas.

Jürgen Dege-Rüger, educador jovem, de camisa verde clara, trabalha para a IBA (*Internationale Bau-Ausstellung* – Exposição Internacional de Construção), uma iniciativa à escala nacional subsidiada pelo estado na área do planeamento urbano e que durante os próximos três anos estará sediada em Hamburgo. A sua sede localiza-se numa zona pobre e de carácter acentuadamente imigrante. Trata-se de Wilhelmsburg, a grande ilha a sul da cidade, atravessada por uma auto-estrada ao longo da qual florescem loteamentos. O trabalho de Jürgen consiste em implementar um plano de formação contínua cujo grande objectivo passa pelo aumento do número de pessoas que consegue obter, pelo menos, o diploma de escolaridade do nível mais baixo.

Jürgen, antigo professor numa escola, cita os fracos resultados obtidos pela Alemanha no programa Pisa da OCDE, que avalia o desempenho escolar dos jovens na casa dos 15 anos. «Para um país rico, temos um número desproporcionado de jovens com más qualificações escolares oriundos de meios pobres, frequentemente imigrantes e sem acesso ao mercado de trabalho.» De que forma será possível alterar esta situação? Jürgen diz que o tema em debate, na área da educação, é «ensinar como se aprende» em vez de insistir numa fórmula que incentive o «empinar» de conhecimentos comuns.

Em Wilhelmsburg, um dos desafios consiste na criação de ligações entre as instituições existentes. «Temos escolas, jardins-de-infância, centros de juventude e aconselhamento na ilha», ilustra, «mas que não trabalham em conjunto e não são suficientemente atractivos nem para os pais nem para os filhos». Jürgen acredita que as escolas localizadas nas zonas pobres devem receber mais fundos estatais do que as restantes.

De regresso ao sistema

Holger Dohnt, que gere a *Movego*, também defende que a falta de coordenação está na base do desperdício de energia e de recursos. Dohnt acredita que não está a ser feito o suficiente para coordenar os vários departamentos ministeriais que lidam com a juventude e o desemprego. Há um número demasiado grande de jovens que acaba por ser completamente posto de lado pelo sistema. «A escola foi imposta a estes miúdos. Eles querem ser tratados como adultos e querem que lhes seja dada uma verdadeira orientação profissional.» Dohnt acredita que a sua escola oferece exactamente isso. «Não andamos aqui ralados com



Segundo o professor **Jürgen Dege-Rüger**, a Alemanha tem um número desproporcionado de jovens de origem imigrante com fracas qualificações académicas.



© M.F.P. | essart

Diz-se que copiar é a forma mais sincera de lisonjear. As cadeiras de jardim em estilo Adirondack da Movego podem ser encontradas nos jardins mais elegantes de Hamburgo.

assistentes sociais. Tentamos apenas conseguir-lhes trabalho quando deixam esta escola.»

A mais antiga escola de formação vocacional da cidade é a *Altona*, criada há 10 anos e gerida pelo afável Thomas Johanssen. Com o impulso dado pelo estado para criar novas escolas deste tipo, a *Altona* é um modelo a seguir, tendo ela própria sido inspirada no bem sucedido sistema dinamarquês. A escola aceita 48 estudantes por ano, 40 % dos quais de origem imigrante. É nas pequenas e informais salas de aula da *Altona* que os alunos entre os 16 e os 18 anos estudam e realizam trabalhos práticos para conseguirem obter o certificado de habilitações escolares básico – uma chave que lhes permitirá abrir a porta do mercado de trabalho.

«É essencial tornar a aprendizagem atractiva e encorajar a auto-estima», afirma Thomas. Para que isso aconteça, o director garante aos

seus estudantes duas refeições quentes por dia na acolhedora cantina escolar: um pequeno-almoço tardio – já que muitos estudantes não chegam sequer a tomá-lo antes de se dirigirem à escola – e o almoço.

«A chave para o sucesso é criar motivação», acrescenta. Os estudantes aprendem línguas, química e multimédia ao mesmo tempo que constroem mobiliário por medida para clientes particulares. «Tradicionalmente, tem existido uma separação entre o ensino normal e as escolas técnicas. Aqui, combinamos o trabalho técnico com o prático.» Os resultados demonstram que a abordagem funciona: metade dos antigos alunos consegue trabalho e 20 % regressam à escola. A luta contra o desemprego é uma batalha dura.

■ PARA MAIS INFORMAÇÕES
www.movego.eu
www.psa-hamburg.de

Em Dezembro de 2009, mais de **5,5 milhões de jovens homens e mulheres** com menos de 25 anos estavam desempregados, o equivalente a **21,4%** deste sector da população, e o número encontrava-se em crescimento. Em Espanha, a taxa de desemprego entre os jovens atinge os 40%.

Este problema vai seguramente exigir um esforço concertado dos governos europeus no sentido de encontrarem soluções para problemas que andam a evitar há já demasiado tempo. As áreas fundamentais a abordar incluem o apoio à procura de trabalho para **grupos desfavorecidos** – tais como os imigrantes e jovens com baixo nível de escolaridade e formação – e as questões da mobilidade juvenil.

MARCAR A DIFERENÇA... COM **ANIMAIS**

Albertas dedica-se à apicultura numa zona rural da Lituânia. Vende mel, ambrósia, pão de abelha e um tipo de hidromel. Diana, a mulher, decora velas de cera.

Diana e Albertas Usinskai têm três filhos – duas filhas de dez e cinco anos e um rapaz de seis. À mais velha, Austeja, foi dado o mesmo nome da deusa lituana das abelhas. Delgada, de olhos claros, a menina está vestida a primor para a entrevista, com um vestido cor-de-rosa e um cinto prateado. A irmã mais nova tem o cabelo enfeitado com flores de tule branco. Os pais de Albertas, já idosos, vivem com o resto da família na mesma casa simples de madeira, com o seu telhado de ferro ondulado, em Milošaičiai, a cerca de 50 km de distância de Kaunas, a antiga capital lituana.





As colmeias doadas pelo ramo báltico da Fundação Heifer estão a transformar o destino do agricultor Albertas Usinskai.

Caixa – As filhas de Albertas podem aspirar a um futuro melhor.

Tempos difíceis

Há coisa de alguns anos atrás, nem tudo corria às mil maravilhas para a família Usinskai. Não tinham electricidade e o contacto com os vizinhos era escasso, já que a quinta mais próxima fica a 2 km de distância. Diana coxeia bastante, o que lhe limita os movimentos. Naquela época, era ela quem tomava conta das crianças e dos idosos enquanto Albertas se dedicava a trabalhos casuais. O futuro parecia ser parco em novas oportunidades.

Foi então que a Fundação *Heifer* entrou em campo. Trata-se de uma organização de solidariedade internacional sediada no Arkansas e fundada há 65 anos pelo agricultor norte-americano Dan West. West tinha estado em Espanha durante a Guerra Civil, nos anos 30 do século XX, e deu por si a alimentar crianças esfo-meadas com canecas de leite. Ocorreu-lhe então que aquilo de que as crianças realmente precisavam era de uma vaca e não de um copo de leite esporádico. Foi ali que tudo começou.

Distribuição de gado

O objectivo da *Heifer* Internacional é erradicar a pobreza e a fome. Actualmente, a fundação fornece gado e formação em 128 países. Cada família beneficiária compromete-se a oferecer a primeira ninhada de um animal que lhe tenha sido doado a outra família



Arūnas Svitojus, do ramo báltico da Fundação Heifer – «Tentamos apetrechar as pessoas com formas de ganhar dinheiro para que não precisem de deixar o país.»

em situação igualmente difícil. A *Heifer* passou a operar no Báltico há 10 anos, com a sede instalada em Vilnius e escritórios mais pequenos nas vizinhas Letónia e Estónia.

Nas paredes do escritório de Vilnius está pendurada a fotografia de Arūnas Svitojus, director do ramo báltico da fundação *Heifer*, a apertar a mão ao antigo Presidente dos Estados Unidos Bill Clinton. A organização é quase exclusivamente financiada por donativos privados, muitos deles de americanos de descendência báltica.

«A crise económica abalou-nos seriamente», afirma Svitojus. «Ao longo dos dois últimos anos, 15% a 20% da população do país

emigrou. Pessoas com baixos níveis de escolaridade provenientes de zonas rurais vão trabalhar nas economias paralelas de outros países, deixando para trás os filhos com os avós ou com os vizinhos. Nós tentamos apetrechá-los com formas de ganharem algum dinheiro para que não se vejam obrigados a partir.»

No ano passado, a *Heifer* geriu 30 projectos na Lituânia e 50 no conjunto dos Estados Bálticos. O gado que é distribuído inclui desde vacas Holstein até à raça autóctone de cavalos Zhemaichu, porcos, coelhos, galinhas, minhocas e abelhas. Segund Svitojus, o ramo da fundação no Báltico lida normalmente com uma espécie de abelhas mais dócil, nativa da Lituânia.

As **zonas rurais** representam mais de **80%** do território da União Europeia e cerca de **25% da sua população**.

Ganhar dinheiro com mel

As abelhas estão cada vez mais ameaçadas pelas práticas agrícolas modernas mas estão de boa saúde nesta parte do país, situada num parque nacional e livre de pesticidas. Para os agricultores da região, que levavam uma vida dura e difícil, a apicultura ecológica apresentou-se como a melhor opção, mesmo estando o equipamento necessário fora do alcance de muitos.

As abelhas garantem rendimentos, ainda que baixos, a Albertas e Diana. Com uma vaca, um cavalo, dois porcos e 20 galinhas, são praticamente auto-suficientes, fabricando a sua própria manteiga, queijo e pão. Os 1000 litros de mel que as abelhas produzem rendem 300 euros por mês. O casal comprou armários para a divisão principal da espartana casa que habita, aquecida a lenha, e tem até conseguido fazer

algumas poupanças. Diana quer que os filhos frequentem a universidade e tem grandes esperanças em Austeja, que tem sido a melhor da turma nos últimos três anos.

Antes de a Lituânia ter conquistado a independência da União Soviética, em 1991, Albertas trabalhava numa quinta comunitária. Graças à oferta de sete colmeias, instrumentos eléctricos, equipamentos apícolas e formação básica em informática dada pela *Heifer*, os Usinskai são agora membros activos da comunidade e há até uma lista de espera para a compra do mel de Albertas. Diana saiu do seu retiro e trabalha a meio tempo como contabilista, gerindo igualmente o projecto apícola da comunidade local, onde nove outras famílias também receberam ajuda. A cada seis meses, elabora um relatório de progresso que é depois enviado a Gražina Mongirdienė, gestora de projectos na *Heifer*, que afirma

que nunca conseguiria viver fora do seu país devido ao lindíssimo mundo rural lituano.

Sentados à volta da mesa redonda, em cadeiras talhadas a partir de troncos de árvores, a casa da família Usinskai parece saída de um sonho. Vasos de flores decoram o pequeno jardim da entrada e no ar paira um maravilhoso odor a erva fresca.

Albertas traz uma garrafa do enganadoramente leve Midus, feito a partir de mel e ervas, e enche alguns copos até ao bordo. A doce bebida nacional lituana sabe sempre melhor quando é de fabrico caseiro. Esta tem três anos. As abelhas esvoaçam em torno dos copos, enquanto Albertas pega na filha mais nova ao colo e lhe dá um beijo retumbante.

■ PARA MAIS INFORMAÇÕES
www.heifer.lt

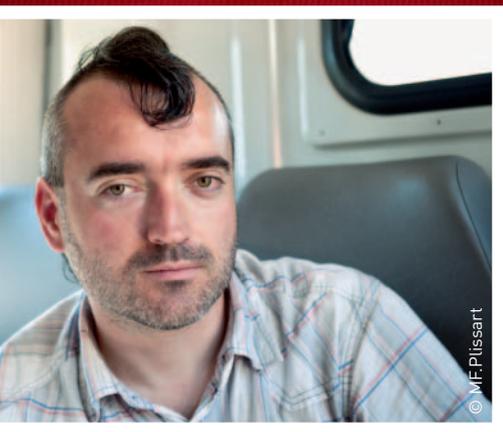
As **zonas rurais** representam mais de **80 %** do território da União Europeia e cerca de **25 % da sua população**. Em alguns países da UE, o risco de pobreza em zonas rurais é **duas vezes superior** ao das cidades mas os problemas particulares inerentes a estas regiões têm, até agora, passado despercebidos na maioria dos estudos sobre a pobreza. A luta contra a pobreza e a exclusão social nas zonas rurais está intimamente ligada à melhoria do acesso a infra-estruturas e serviços, nos quais se incluem escolas, médicos, transportes e até mesmo lojas. Este facto exige uma abordagem nova e coordenada às políticas sociais e regionais bem como ao desenvolvimento rural.



© União Europeia, Reporters

RECUPERAR TOXICO- DEPENDENTES EM LIUBLIANA

Os agradáveis restaurantes e cafés ribeirinhos de Liubliana enchem-se de famílias que aproveitam para desfrutar da brisa que corre nos entardeceres quentes de Verão da capital eslovena. Não muito longe dali, cerca de 10 ou 12 homens bebem cerveja num pátio abandonado. Estão sentados junto a uma pilha de latas de cerveja vazias e o visitante que passa tem que ter cuidado com as seringas espalhadas pelo chão. É aqui que se vêm embriagar alguns dos toxicodependentes em tratamento depois de tomada a dose diária de metadona numa clínica das redondezas.



Liubliana tenta ajudar toxicodependentes através de programas de reabilitação, que incluem centros de tratamento que disponibilizam metadona.

Caixa – Borut Bah, director do programa de assistência social da Stigma.

A semelhança de outras cidades e de outros locais, Liubliana debate-se com problemas de droga. A Eslovénia, com a sua próspera cultura, localiza-se na chamada rota dos Balcãs proveniente do Afeganistão e o tráfico de heroína, cocaína e «drogas de discoteca», como o *ecstasy* e o MDMA, é intenso.

A capital eslovena tenta «ter mão» nos traficantes e consumidores através do recurso a medidas penais e a estratégias de reabilitação, entre as quais se contam centros de tratamento que disponibilizam metadona, uma droga sintética menos viciante. A Eslovénia orgulha-se de ser o país europeu com o número mais baixo de toxicodependentes seropositivos, factor que se deve, em grande parte, à *Stigma*, uma ONG financiada pelo Estado com dois centros de atendimento em Liubliana e visitados diariamente por 80 homens e mulheres.

Atenções centradas na saúde

A missão da *Stigma* é chegar aos consumidores de drogas quando estes ainda se encontram nos

estádios iniciais da dependência e acompanhá-los até que entrem num programa de desintoxicação ou desistam definitivamente do consumo. Entre outras actividades, os funcionários da *Stigma* aconselham reclusos e criaram um abrigo para mulheres toxicodependentes vítimas de violência. O projecto mais importante que a organização tem em curso é a prevenção do VIH/SIDA e da hepatite C através da educação para a saúde. Para isso, é encorajada a utilização de agulhas esterilizadas e os toxicodependentes são incentivados a devolverem as seringas usadas.

A *Stigma*, activa há já 19 anos, tem no terreno um programa de assistência social bem sucedido. A sua Peugeot, equipada com assentos, uma mesa e uma área para guardar material visita nove cidades uma vez por semana. A carrinha foi adquirida em 2007 com o apoio da Comissão Europeia, que financiou 60% dos custos.

«Antes disso», diz Borut Bah, funcionário no terreno e director da *Stigma*, «costumávamos ir de carro e encontrávamo-nos com os toxicodependentes em bares, cafés ou na rua. Agora, eles sabem onde

e quando nos podem encontrar e podemos conversar em privado, sem que outros nos estejam a ouvir».

Segunda-feira pela manhã, bem cedo, Borut e Blažena Kovanović, sua colega e assistente social, partem em direcção a Novo Mesto, no sudeste do país, onde muita gente trabalha para a fábrica de automóveis Renault. O *cviček*, um conhecido vinho tinto esloveno, é originário das colinas que se estendem por esta região.

Uma manhã em Novo Mesto

Após uma hora de viagem desde a capital, Borut estaciona à entrada da pequena estação de comboios, perto do centro, onde é feita a distribuição de metadona. À espera estão já três homens, e ao longo das duas horas seguintes outros oito ou nove irão aparecer.

Vêm aqui à procura de cuidados básicos de saúde, de agulhas e de pequenos sacos de ácido ascórbico para dissolver a heroína. Alguns têm tatuagens, outros piercings. A maioria fuma um cigarro atrás de outro. Muitos parecem agitados. Apesar disso, quase todos falam do vício sem problemas, das drogas que tomam e das drogas que ingerem para deixarem de consumir drogas.

Entre eles está Marco, um sérvio elegante que se descreve a si mesmo como DJ. Marco toma Suboxone, uma droga de substituição, e diz que em breve ficará «limpo». Estudou enfermagem mas não consegue encontrar emprego e, por isso, diz que os tempos estão difíceis. Gostaria de constituir família mas não poderia suportá-la. Também ali está Jože, proprietário de uma quinta não muito longe dali, com galinhas,



Liubliana à noite.



© M.F. Pissart

Os toxicodependentes podem recolher seringas limpas e usufruir de cuidados básicos de saúde.

coelhos e dois porcos. Agora, diz Jože, só toma metadona misturada com sumo de laranja.

Ao lado está também Miha, que injecta cocaína directamente na virilha porque a artéria femoral é a única que ainda consegue encontrar. Foram inúmeras as vezes que Miha tentou largar a droga. Borut e Blažena escutam-no pacientemente enquanto ele conta a sua história. É este o seu trabalho. O principal objectivo é ajudar estas pessoas a vencer a dependência, mas até lá têm por missão dar assistência em todos os aspectos, desde o fornecimento de agulhas limpas até ao preenchimento de formulários oficiais para ajudar os toxicodependentes a encontrarem trabalho ou a receberem assistência médica.

«Quando terminei a minha formação como assistente social», diz Borut, «queria trabalhar com toxicodependentes. Tinha tido amigos dependentes e eu próprio tinha frequentado sítios pouco

recomendáveis quando era jovem». Borut, de cabelo liso e com corte estilo moicano, encaixa-se bem no papel que desempenha. Por detrás dos modos afáveis que utiliza está um compromisso obstinado em ajudar os toxicodependentes que demonstrem vontade em se afastar do abismo.

O hospital de Liubliana possui um departamento de administração de metadona, no qual a médica residente afirma receber cerca de 400 toxicodependentes por ano. «A maioria vem todos os dias e muitos conseguem começar a trabalhar ou regressar à escola», declara. A política do departamento consiste em não deixar entrar ninguém a menos que compareça a horas, e a regra é escrupulosamente respeitada.

«Concordo com a norma», diz Katja, ex-toxicodependente e funcionária da *Stigma*. «Os toxicodependentes precisam de disciplina e de horários.»

Uma comunicação recente da UE* sublinhou a existência de consideráveis **desigualdades em matéria de cuidados de saúde**, não apenas entre os diferentes Estados-Membros mas também dentro dos próprios países. A redução destas desigualdades exige uma acção concertada de todas as partes a nível europeu e regional, incluindo a sensibilização do público e o desenvolvimento de políticas, bem como novas formas de cooperação nos sectores da educação, saúde e administração pública.

* «Solidariedade na Saúde: reduzir as desigualdades no domínio da saúde na UE.»

O ESPÍRITO **INDOMÁVEL** DE **LA CHANCA**, ANDALUZIA

Ao longo dos últimos 20 anos, o programa de Reabilitação Autónómica de La Chanca recuperou vastas áreas da zona antiga da cidade de Almería, no sul de Espanha. O objectivo passa por implementar melhorias nas áreas da saúde, habitação, educação, emprego e direitos sociais das 12 000 pessoas que ali vivem. No projecto estão envolvidas, para além do município de Almería e do governo da Andaluzia, as não menos importantes associações de moradores do bairro de La Chanca, conhecidas pelo seu espírito combativo.





O novo bairro de La Chanca mantém o espírito da aldeia piscatória original.

Caixa – Visita de estudo ao local da obra.



Quando o venerado escritor espanhol Juan Goytisolo visitou, no início dos anos 60 do século passado, o bairro de La Chanca, na Andaluzia, ficou chocado com «a miséria das casas sobrelotadas e as ruas sujas e pestilentas». O seu livro *La Chanca* foi classificado pelo regime de Franco como sendo demasiado crítico e só seria publicado em Espanha 20 anos depois de ser escrito.

Se certas coisas mudaram, outras permanecem inalteradas. As cores desta cidade do sul são quentes, a música é o flamenco, no ar paira o cheiro do pão acabado de cozer e do peixe na brasa e as temperaturas são tórridas sob o sol escaldante. Em Almería, as cores dos rostos de quem vive nas antigas mourarias vão desde o branco aos tons de castanho e negro, e apesar de pobres, aqui todos coexistem harmoniosamente. La Chanca é uma história de esperança e vitória contra o destino e uma demonstração do sucesso de uma renovação urbana que tem, desde então, sido usada como modelo em Granada, Sevilha, Córdoba e Málaga.

Tradição de protesto

O Plano Especial de Reabilitação Interior de La Chanca (Peri), o qual contou com o envolvimento do governo da Andaluzia, foi implementado para dar resposta às incansáveis iniciativas dos habitantes do bairro. O Peri, adoptado em 1990, pretendia ultrapassar a mera reabilitação



Especialista Ana Vinuesa – «La Chanca é um projecto fascinante, com um alcance simultaneamente social e arquitectónico.»

física das condições existentes. O objectivo era intervir nos problemas mais vastos da comunidade, com programas que envolviam o acesso a computadores e à Internet, direitos das mulheres e o programa «Cuido mi casa, cuido mi barrio» (Cuido da minha casa, cuido do meu bairro), que procurava ensinar os habitantes a velar pelas suas casas e pelo ambiente que as rodeia.

La Chanca é o centro histórico da cidade, tendo em tempos sido o bairro de pescadores de um dos mais importantes portos do califado de Córdoba. No início do século XX, os ciganos instalaram-se nas ruínas abandonadas do antigo subúrbio de Al-Hawd, representando hoje uns dinâmicos 23% da população total.

A planta da cidade é em tudo idêntica à dos tempos árabes, incluindo as casas subterrâneas escavadas nas falésias, onde em

tempos viviam os mais pobres. Semelhantes a pequenas caixas brancas, as casas térreas dos pescadores tinham portas tradicionalmente pintadas da mesma cor viva que o barco de pesca do seu proprietário.

Foram recuperadas cerca de 1 000 casas e construídas perto de 250 para arrendamento, a maioria das quais aos residentes das habitações subterrâneas que tiveram de ser abandonadas. Apesar de talvez mais bonitas do que as antigas, as novas habitações foram construídas segundo o estilo tradicional e, por isso, as portas continuam a ser pintadas com as mesmas cores vivas. Até à data foram investidos pelo governo da Andaluzia 45 milhões de euros em trabalhos de recuperação e há outros 47,7 milhões reservados para trabalhos futuros.

«Este é um projecto fascinante», afirma Ana Vinuesa, que trabalha

Para uma parte significativa da população europeia, os custos com a habitação representam mais de 40% do orçamento disponível. Cerca de 13% têm dificuldade em suportar estes custos.

para o departamento de Obras Públicas do governo da Andaluzia e dirige o gabinete de reabilitação em La Chanca. «O projecto tem um alcance simultaneamente social e arquitectónico. É gerido a nível local e envolve de forma activa as pessoas que ali residem.»

«É bastante singular», acrescenta o sociólogo Fernando Vidal, da Universidade Comillas de Madrid. «As associações de moradores sempre aqui tiveram imenso poder, apesar de a partir de meados dos anos 1980 este tipo de grupos ter começado a desaparecer no resto de Espanha. Aqui existe uma situação muito inclusiva, na qual diferentes nacionalidades, religiões e credos coexistem confortavelmente.»

Em meados dos anos 80 do século XX, as associações de moradores de La Chanca foram bem sucedidas ao assumirem responsabilidades nas áreas da educação, saúde e segurança, domínios até então nas mãos da autarquia. Depois, debruçaram-se sobre o problema do tráfico de droga, percorrendo o bairro porta a porta e expulsando os traficantes. «Os traficantes saltavam literalmente pelas janelas, em fuga», afirma Vidal. «A população limpou La Chanca.» A terceira vez que os moradores se juntaram para introduzir melhorias no seu

bairro foi quando decidiram construir ou recuperar as antigas – e frequentemente primitivas – casas.

Alma de tradição

A activa comunidade de La Chanca, composta em muitos casos por pessoas desempregadas mas quase sempre providas de um espírito jovem, é produto do cadinho cultural formado por muçulmanos, tanto subsarianos como oriundos do norte de África, e católicos, incluindo católicos romanos.

«Trata-se de uma população estável, com um forte sentimento de pertença», diz Ana Vinuesa. «Mesmo quando os habitantes conseguem ganhar um pouco mais, e apesar de se deslocarem para mais perto do mar, onde as condições residenciais são melhores, preferem ficar em La Chanca.»

A maioria dos imigrantes é proveniente do Magrebe mas existem também sul-americanos e europeus de leste, sendo frequentes os casamentos entre nacionalidades diferentes. Mas esta coexistência harmoniosa não surgiu por acaso. Os próprios habitantes de La Chanca organizaram iniciativas de troca de

experiências culturais para a inclusão de imigrantes, as quais contaram com a participação de crianças e jovens, apesar dos problemas que grassam na comunidade. Entre eles contam-se as altas taxas de desemprego, a falta de qualificações profissionais e famílias desagregadas. Actualmente, não existem ainda casas suficientes, encontrando-se muitas delas sobrelotadas e em más condições, com falta de casas de banho e outras comodidades básicas.

A tórrida província de Almería, no sul da Andaluzia, tem um dos climas mais secos de Espanha. Apesar disso, a sua história não é feita apenas de aspereza e aridez, ela é também um projecto único de reabilitação social, económica e física que tem mantido de pé o coração e a alma de um bairro. La Chanca continua viva.

■ PARA MAIS INFORMAÇÕES

www.laciudadviva.org

Consulte projectos de reabilitação urbana semelhantes na Andaluzia através da página *La Ciudad Viva*.

http://ec.europa.eu/regional_policy/urban2/

O programa URBAN da Comissão Europeia contribuiu com 10 milhões de euros para a reabilitação de La Chanca.

© União Europeia, Reporters



Segundo relatórios europeus e internacionais recentes, uma das estratégias fundamentais para a luta contra a pobreza e a exclusão social passa pela melhoria do nível de vida de pessoas desfavorecidas nos locais onde vivem, incluindo o acesso a habitação condigna. Os programas de reabilitação urbana integrada possuem a grande vantagem de melhorar simultaneamente a coesão social e territorial. Uma parte essencial das políticas sociais e de planeamento urbano na Dinamarca, Alemanha, Finlândia, França, Reino Unido e Luxemburgo envolve abordagens que evitam a criação de zonas de grande concentração de pessoas desfavorecidas.

CRÉDITO PARA EXCLUÍDOS

As pitorescas feiras de velharias de Bruxelas oferecem aos visitantes mais atentos a possibilidade de descobrirem e comprarem música, uma jarra «Art Déco» ou quadros de paisagens bucólicas. Foi perto de uma destas feiras que a desinibida Sika Mawuke-Dzossou, com 34 anos, abriu um salão de beleza. Por principais clientes tem as habitantes dos bairros vizinhos e as funcionárias de dois grandes hospitais localizados ao cimo da rua e que ali vão para sessões rápidas de quiropodia, tratamentos às mãos e pés também conhecidos pelos nomes de manicura e pedicura. Se não fosse o microcrédito, diz Sika, não teria conseguido abrir as portas do salão.



As feiras de velharias de Bruxelas são simultaneamente um ferro-velho e uma arca de tesouros.

Caixa – Sika Mawuke-Dzossou, beneficiária de microcrédito, é proprietária de um salão de beleza nas redondezas.

Sika, natural do Togo, é mãe de dois rapazes, o mais novo com apenas alguns meses de idade. Depois de frequentar um curso de esteticista e de quiropodia, e numa ida aos serviços de segurança social, reparou por acaso no cartão de visita de um profissional que oferece aconselhamento sobre pequenos empréstimos.

«Eu já tinha a maior parte do equipamento, mas o empréstimo de 15000 euros foi o que permitiu lançar-me.» O negócio está a correr bem, diz, e entretanto já pagou um segundo empréstimo de 13000 euros para um solário, à mesma taxa de juro de 4%.

Rede de empréstimos a nível europeu

No caso de Sika, o empréstimo foi-lhe concedido pela Sociedade Regional de Investimentos de Bruxelas através da sua subsidiária Brusoc, uma das 87 ONG e organizações de empréstimos e aconselhamento nos 21 países que pertencem à Rede Europeia de Microfinança (REM). A REM, fundada em Paris em 2003 por três organizações europeias, tem desde então sido administrada por Philippe Guichandut, o seu director executivo, o qual tem por objectivo desenvolver o sector do microcrédito na Europa e fazer pressão (*lobby*) junto das instituições europeias. Em França, o microcrédito tem registado avanços assinaláveis desde que foi introduzido no país, há 22 anos atrás. O sistema começa agora a desenvolver-se na Alemanha, embora neste caso os empréstimos tendam a ser maioritariamente atribuídos a empresários, enquanto que em Espanha visam a inclusão social. O microcrédito está também disseminado no leste da Europa.

As taxas de juro variam consideravelmente no seio da Europa.

Em 2009, 27% dos clientes do microcrédito na Europa eram mulheres, 13% eram imigrantes ou pertenciam a minorias étnicas e 11% eram jovens.

A *France Initiative* concede créditos como complemento aos empréstimos bancários e não cobra qualquer taxa de juro, ao passo que no Reino Unido os prestadores de crédito podem impor taxas que chegam aos 30%.

«Evidentemente, o sistema apenas funciona se as pessoas conseguirem reembolsar os seus empréstimos», diz Guichandut. «As organizações que concedem crédito esforçam-se imenso para ajudar as pessoas a ter êxito. A maioria dessas organizações oferece aconselhamento e formação gratuitos.»

Na Europa, o modelo de negócios com base no microcrédito é semelhante ao do banco Grameen, que granjeou a Muhammed Yunus, o seu fundador, o Prémio Nobel da Paz. O Grameen transformou as vidas de milhões de pessoas no Bangladesh ao conceder-lhes pequenos empréstimos sem exigência de garantias ou fianças.



Philippe Guichandut diz que a ideia é emprestar dinheiro a pessoas que, de outra forma, não teriam acesso ao crédito.

«Mesmo se o quadro geral é totalmente diferente», afirma Guichandut, «os trabalhos são frequentemente muito semelhantes – carpinteiros, cabeleireiros ou no sector da restauração. A ideia é emprestar dinheiro a pessoas que de outra forma não o conseguiriam obter». Isto pode também significar a concessão de empréstimos individuais que contribuam para conseguir emprego, tais como os que visam a compra de um motociclo ou de um carro em segunda mão, ou o financiamento para uma mudança de residência ou um curso de formação. Ocasionalmente, há quem pretenda obter um crédito com vista à melhoria da eficiência energética da sua casa.

França entre os pioneiros

No final de 2009 os membros franceses da Rede Europeia de Microfinança contavam 70 252 clientes e o valor total dos seus empréstimos ascendia aos 152,6 milhões de euros. Entre os destinatários do crédito, 35% eram mulheres e 19% eram imigrantes ou pertenciam a minorias étnicas. O sistema visa essencialmente os cidadãos que mais sofrem de exclusão social.

Entre estes, encontram-se pessoas como Alexandre Aberlen, em Sausset-les-Pins, na região da Provença, que há quatro anos atrás abriu uma loja de venda e reparação de computadores. A associação *Adie*, que apoia indivíduos excluídos do sistema bancário tradicional, prestou-lhe 3000 euros, quantia



Em cima – Alexandre Aberlen, na Provença, pediu um empréstimo para abrir uma loja de computadores.

Em baixo – A cabo-verdiana Digna Mendez Furtado serve as especialidades do seu país em Marselha, graças ao empréstimo de um microcrédito.

essa que lhe permitiu adquirir o mobiliário de que necessitava para a loja. O empréstimo também permitiu a Alexandre conseguir uma garantia bancária. «Eu dependia da segurança social», afirma, «e sempre tinha sido maluco por computadores».

Há também o caso de Pascal Beaugrand, em Outreau, no norte da França, que depois de passar por um período difícil no qual perdeu a carta de condução, o casamento e o trabalho, sem direito a subsídio de desemprego, conseguiu finalmente encontrar emprego como vendedor de peixe. Beaugrand frequentou um curso no Centro de Formação em Produtos Marinhos de Boulogne-sur-Mer. «Venho de uma família de vendedores de peixe», diz, «e quando alguém sugeriu que eu me dedicasse à mesma profissão, pensei para comigo mesmo: “E porque não?”»

Após um primeiro projecto falhado, Pascal contactou um membro da rede de solidariedade *France Active*, cujo papel é apoiar desempregados que desejam abrir negócios a conseguirem créditos bancários. Em conjunto, Pascal e a *France Active* elaboraram um plano de negócios para um pedido de empréstimo de 30 000 euros. «Encontrei um vendedor de peixe ambulante que estava a vender o seu negócio, incluindo o trajecto de venda e os clientes, e resultou.» Uma garantia de 65% da *France Active* foi tudo quanto bastou para que a Caisse d'Épargne, um banco francês, aceitasse conceder o crédito. «Está a correr bem», afirma. «Sempre tive facilidade em lidar com pessoas.»

A extrovertida Digna Mendez Furtado abriu em Marselha o *Le Scorpion*, um pequeno restaurante especializado em pratos

O último inquérito publicado pela Rede Europeia de Microfinança indica que o sector está a começar a sentir o impacto da crise económica mas que apesar de tudo mantém a sua solidez. Apesar dos recentes reveses, como as dificuldades de acesso ao financiamento, a União Europeia tem ajudado a manter em funcionamento as actividades microfinanceiras na Europa, o que tem permitido o contínuo crescimento do sector. O valor global dos empréstimos aumentou (3%), apesar do número de empréstimos ter diminuído (-7%).

■ PARA MAIS INFORMAÇÕES
<http://www.european-microfinance.org/>

PARA MAIS INFORMAÇÕES SOBRE POBREZA E EXCLUSÃO SOCIAL NA EUROPA

(LISTA NÃO EXAUSTIVA DE LEITURA COMPLEMENTAR)

- Comissão Europeia – Direcção-Geral do Emprego, dos Assuntos Sociais e da Igualdade de Oportunidades:
<http://ec.europa.eu/social>
- László Andor, comissário europeu para o Emprego, Assuntos Sociais e Inclusão:
http://ec.europa.eu/commission_2010-2014/andor
- Europa 2020: Estratégia para um crescimento inteligente, sustentável e inclusivo:
<http://ec.europa.eu/eu2020>
- 2010 Ano Europeu do Combate à Pobreza e à Exclusão Social:
www.2010againstopoverty.eu
- Protecção Social e Inclusão Social na UE:
<http://ec.europa.eu/social/main.jsp?catId=750>
- Análise pelos pares:
www.peer-review-social-inclusion.eu
- Fundo Social Europeu:
http://ec.europa.eu/employment_social/esf/index_en.htm
- PROGRESS:
<http://ec.europa.eu/social/main.jsp?langId=en&catId=327>
- Instrumento de microfinanciamento:
<http://ec.europa.eu/social/main.jsp?catId=836&langId=en>
- Programma URBAN II:
http://ec.europa.eu/regional_policy/urban2
- Pela Diversidade. Contra a Discriminação:
http://ec.europa.eu/employment_social/fdad/cms/stopdiscrimination?langid=en
- Juventude em Movimento:
http://ec.europa.eu/commission_2010-2014/vassiliou/events/debate_en.htm

MAIS INFORMAÇÕES SOBRE AS ONG ENVOLVIDAS NA REVISTA

- Coligação das ONG sociais na Europa:
www.endpoverty.eu/-HOME-.html
- CECODHAS:
www.cecodhas.org
- Rede Europeia Anti-Pobreza:
www.eapn.org
- Rede Europeia de Microfinança:
www.european-microfinance.org

Comissão Europeia

Vencer a pobreza

Luxemburgo: Serviço das Publicações da União Europeia

2010 — 28 p. — 17 × 26,5 cm

ISBN 978-92-79-13728-0

doi:10.2767/71180

Esta publicação está disponível em versão impressa em todas as línguas oficiais da UE.

Como obter publicações da União Europeia

Publicações gratuitas:

- via EU Bookshop (<http://bookshop.europa.eu>);
- nas representações ou delegações da União Europeia.
Pode obter os respectivos contactos em: <http://ec.europa.eu>
ou enviando um fax para: +352 2929-42758.

Publicações pagas:

- via EU Bookshop (<http://bookshop.europa.eu>).

Assinaturas pagas (por exemplo, as séries anuais do *Jornal Oficial da União Europeia*, as colectâneas da jurisprudência do Tribunal de Justiça):

- através de um dos agentes de vendas do Serviço das Publicações da União Europeia (http://publications.europa.eu/others/agents/index_pt.htm).

www.2010againstopoverty.eu
2010againstopoverty@ec.europa.eu

As **publicações** da Direcção-Geral do Emprego, Assuntos Sociais e Igualdade de Oportunidades interessam-lhe?

Pode descarregá-las ou assiná-las gratuitamente em linha no endereço <http://ec.europa.eu/social/publications>

Pode subscrever gratuitamente o *boletim informativo electrónico* da Europa Social da Comissão Europeia no endereço <http://ec.europa.eu/social/e-newsletter>

<http://ec.europa.eu/social/>



■ Serviço das Publicações

ISBN 978-92-79-13728-0



9 789279 137280